

O Rio Grande passou por aqui

Quem assistiu televisão no início dos anos 2000 no Rio Grande do Sul provavelmente se lembra do telejornal Teledomingo, transmitido pela RBSTV nos domingos à noite e que tinha, a cada começo de edição, o seguinte bordão anunciado pelos apresentadores Regina Lima e Tulio Milman: "A partir de agora, o Rio Grande passa por aqui". Afora as reportagens jornalísticas num perfil de revista eletrônica, a sentença podia ser dita com segurança pela emissora, em boa parte, pela qualidade do acervo que esta havia reservado para exibir especialmente neste programa.

Eram os filmes da Leopoldis-Som, que traziam imagens históricas de eventos do passado no Rio Grande do Sul, como as da Porto Alegre de 1938, a primeira Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados (posteriormente intitulada de Expointer), em 1940, o reaparelhamento da viação férrea do Rio Grande do Sul, em 1954, bem como as únicas filmagens que restaram da fatídica enchente de 1941.

Esse resgate só foi possível graças a um contrato de cooperação cultural firmado pela RBS com o Museu do Trabalho pelo qual a emissora se obrigava a recuperar, catalogar, organizar, manter e providenciar a telecine para VT das fitas com filmes integrantes do acervo. Coube a Glênio Póvoas realizar, entre 2008 e 2010, o exaustivo trabalho de consolidação da catalogação deste arquivo. "Nesse período, revisei todas as fitas, o que equivale a cerca de 171 horas ou sete dias e três horas de imagem e/ou som", conta.

O advogado e sociólogo Marcos Soares, fundador do Museu do Trabalho, conta como o precioso material da Leopoldis-Som chegou a suas mãos. "Numa conversa informal com um amigo no Chalé da Praça XV, ele me falou sobre a preocupação com o acervo da Leopoldis-Som, que estava mal acondicionado, e da intenção de Fleury Bianchi de vendê-lo. Naquela noite eu não dormi, só pensando em como comprar aquele acervo", relembra. "No outro dia, saí atrás do sr. Bianchi". Por 15 mil cruzeiros (algo



IMAGENS ACERVO MUSEU DO TRABALHO/REPRODUÇÃO/JC



Acima, logotipo do cinejornal Atualidades Gaúchas; ao lado, os créditos finais da Leopoldis-Film



Still de cinejornal que registrou a passagem do Graf Zeppelin pelos céus de Porto Alegre

em torno de R\$ 5,4 mil à época), Soares adquiriu o acervo. Hoje, ele pretende, a partir de novo projeto junto à RBS-TV, ampliar o acesso ao público em geral.

Dentre os raros filmes ali contidos, encontram-se edições do cinejornal *Atualidades Gaúchas*, uma continuação da ideia empreendida por Italo Majeroni no Recife entre 1915 e 1917. Espécie de diário audiovisual da história gaúcha do século XX, o *Atualidades Gaúchas* era exibido como complemento dos longas estrangeiros nos cinemas gaúchos, toda segunda-feira. Estima-se que, da fase muda, ainda nos anos 1930, tenham sido pouco mais de 20 programas. Já no período sonoro (1942 e 1979), somam-se volumosos 477 números, todos com 10 minutos cada e uma média de cinco assuntos por vez, totalizando mais de 2 mil temas filmados.

Além dos filmes, fazem parte dos arquivos preservados diversos documentos e equipamentos, como câmeras e documentação em papel com roteiros, folhas com descrição dos planos filmados, entre outros. A maior parte da produção anterior a 1961, no entanto, foi perdida em 1965 em um incêndio no depósito da Leopoldis-Som, na rua Gonçalves Dias, bairro Menino Deus. Ali se concentravam os rolos de nitrato, material altamente sensível e inflamável. Destes rolos, o que ainda existe está, na maior parte, no Museu do Trabalho; há material também na Cinemateca Brasileira, em São Paulo, tratado com destaque dentro do Projeto Nitratos, que promove, desde 2023, a conservação, catalogação e digitalização de filmes em nitrato da coleção mais antiga do cinema brasileiro.

O maior golpe do mundo

FESTIVAL DE FILMES TEIXEIRINHA/REPRODUÇÃO/JC

O crítico de cinema Tuio Becker disse, certa vez, que *Coração de Luto* marca o início do cinema gaúcho. O que talvez seja um exagero denota, no entanto, o tamanho do êxito do filme não só no Rio Grande do Sul como no Brasil. Depois de longa trajetória na produção de documentários de curta-metragem e cinejornais, a Cinográfica Leopoldis-Som se lança na ficção com um projeto de forte potencial: rodar um longa sobre a canção homônima de Teixeira. Deu certo, mas, por incrível que pareça, o sucesso representou também o começo do fim da Leopoldis-Som.

O filme, lançado em 1967, marca o início do 'Ciclo da Bombacha e Chimmarrão' no cinema gaúcho. Dirigido pelo espanhol Eduardo Llorente, radicado no Brasil desde os anos 1950 e escolhido por sua boa experiência com o 'Cinema Caipira', em alta naquele momento, *Coração de Luto* cativou o público País afora. Em Porto Alegre, ficou seis semanas consecutivas no Cine Avenida. Por onde passava, as salas de cinema lotavam.

A empolgação natural continha, na verdade, certa dose de inocência. "O filme foi pessimamente distribuído. Havia poucas cópias e muitas cidades querendo exibir", salienta o jornalista, crítico de cinema e biógrafo de Teixeira, Daniel Feix. Resultado? O filme rendeu muito menos do que poderia. Somava-se a isso o fato de que, até 1970, não existia controle de bilheterias detalhado no Brasil, o que facilitava desvios. Denis Martinez revela que, muitos anos depois, o pai e Fleury Bianchi ainda estavam na Justiça atrás de valores não repassados por distribuidores. O montante, atualizado, chegaria a R\$ 1 bilhão.

Cartaz original de *Coração de Luto*

Esse dinheiro, porém, nunca chegou.

Após *Coração de Luto*, a Leopoldis-Som realiza outras produções: *Pára, Pedro!* (1969), *Não aperta Aparício* (1970), *Janjão não dispara...foge!* (1970) e *O amor em quatro tempos* (1970). Nenhum fez sucesso como o primeiro, e as contas não fechavam. Martinez, mesmo lamentoso, se viu forçado a considerar o fim do negócio. Afinal, investir nos longas era oneroso e incerto, e a televisão abocanhava agora o filão dos cinejornais. Não havia para onde correr. Era um duro golpe. O maior do mundo.

Sinais de outros tempos. Em 1981, roda-se o último filme da mítica Leopoldis-Som. Chegava ao fim um sonho. Sonho nascido, há mais de um século, do desejo genuíno de um pioneiro e de seus discípulos igualmente contaminados pela magia do cinema. Um sonho que, mais do que apenas a criação de imagens em movimento, mas, sim, no patrimônio audiovisual de um povo.

ACERVO FAMÍLIA JOSÉ MENDES/REPRODUÇÃO/JC

Material promocional de *Não aperta Aparício*, um dos longas da Leopoldis-Som

Daniel Rodrigues é jornalista, escritor, radialista e crítico de cinema. Atual presidente da Associação de Críticos de Cinema do RS (Accirs), tem duas obras lançadas: *Anarquia na Passarela*, vencedor do Açorianos de Literatura, e *Chapa Quente*, além de participação em antologias de contos e no livro *50 Olhares da Crítica Sobre o Cinema Gaúcho*, editado pela Accirs.